

ENSINO DO TEATRO NA ABORDAGEM TRIANGULAR: uma aprendizagem colaborativa

Neto Portela ¹
Lara Barbosa Couto ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover caminhos para que o ensino do teatro embasado na abordagem triangular suscite em uma aprendizagem colaborativa. É voltado aos professores e estudantes de licenciatura, em especial aos de teatro, que buscam realizar uma prática docente que ofereça bidirecionalidade na comunicação entre os alunos e aluno-professor. O trabalho está estruturado nas concepções pedagógicas da abordagem triangular, nas propostas pedagógicas do ensino do teatro e nas metodologias de ensino da aprendizagem colaborativa. Os pontos do texto são direcionados para enquadrar as propostas do ensino do teatro na aprendizagem colaborativa. O artigo foi construído através da pesquisa bibliográfica analítica, com debates sobre os textos estudados que embasaram este trabalho. As principais fontes teóricas foram Barbosa (1989; 1995), Koudela (2002), Torres e Irala (2015) e os PCN-Artes (1997; 1998; 2000).

Palavras-chave: Abordagem triangular, Ensino do teatro, Aprendizagem colaborativa.

INTRODUÇÃO

O ensino das Artes, com a publicação dos PCN-Artes (1997), promoveu aos arte-educadores a possibilidade de trabalhar em sua proposta pedagógica com a Abordagem Triangular. Esta é uma proposta de ensino idealizada por Ana Mae Barbosa pautada em três pilares: contextualizar, ler e fazer a obra de arte. Junto ao PCN-Artes (1997) também veio a determinação de que o ensino das Artes seria realizado com base nas quatro linguagens artísticas, sendo elas, a teatral, a da dança, das artes visuais e da música. Neste trabalho, o foco será na linguagem teatral, tendo em vista que a pesquisa é desenvolvida dentro do curso de Teatro Licenciatura da UFAL. Serão reportados os procedimentos a serem desenvolvidos nesta linguagem.

Em consonância a isso, busca-se encaminhar o ensino do Teatro na Abordagem Triangular para uma aprendizagem colaborativa, onde o processo de aprendizagem seja construído entre aluno-aluno e aluno-professor; na perspectiva de que ambos têm conhecimentos que podem ser utilizados para uma aprendizagem com desenvolvimento significativo. Não é o caso de desvalorizar o professor e nem todo o estudo desenvolvido por

¹ Graduando do Curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, netoportela.ifpe@gmail.com;

² Doutora em Artes Cênica e professor do Curso de Teatro licenciatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, coautor1@email.com;

ele ao longo de sua especialização e carreira docente, mas de perceber que trabalhar oferecendo recursos de interação entre os conhecimentos do aluno para o aluno e do aluno para o professor pode resultar em autonomia e em construção de conhecimento realizados com os artifícios e potencialidades advindas dos alunos.

Ou seja, é um caminho que estimula lugar de fala e experiência própria dos alunos, no qual se pretende oferecer troca de informações, percepções, experiências entre eles e que o professor esteja em uma posição de estimular, direcionar, jogar perguntas e inquietações para que os problemas levantados em sala de aula sejam resolvidos, assim como esteja presente para informar sobre os conhecimentos adquiridos na temática a ser estudada. Portanto, é um trabalho de várias mãos e mentes; no qual todos participam e contribuem para o conhecimento.

Para realizar esse processo, há o caminho que é possibilitado pelas linguagens da arte educação que encaminham o ensino para a interação de seus pares. A abordagem triangular como proposta de ensino para elencar os conteúdos da disciplina de arte junta com o ensino do teatro, nos jogos teatrais, há a possibilidade de orientação do trabalho visando fortalecer o trabalho em grupo. Unidos Reforça a necessidade do diálogo, as combinações entre os componentes e o auxílio do professor. Com as características dessas ferramentas de ensino, torna-se favorável a realização de uma aprendizagem colaborativa.

Como exposto, este trabalho tem como objetivo promover caminhos para que o ensino do teatro embasado na abordagem triangular suscite em uma aprendizagem colaborativa. Com essa meta, é necessário estipular como objetivo específico a) Compreender as bases epistemológicas da abordagem triangular e a sua proposta pedagógica para o ensino das artes; b) Conhecer as formas de abordagem do ensino de teatro na educação básica; c) Analisar os procedimentos que levam uma pedagogia a ser colaborativa; para que se alcance os resultados esperados.

Este estudo foi realizado através do grupo de pesquisa do PIBIC³ da UFAL e é voltado para aqueles professores e estudantes de Licenciatura em Teatro que buscam promover em sala de aula uma pedagogia que ofereça bidirecionalidade na comunicação entre aluno e docente. Também aos profissionais da área que acreditam que ninguém chega para estudar como uma tábula rasa, ou seja, sem ter conhecimento prévio, opiniões, conceitos e quando for

³ Ciclo de 2019-2020. Ingresso no Grupo de Pesquisa do CNPQ Brincantuar, artífices cênicos: Atores e Brincantes; Tradições Cênicas Brasileiras; Pedagogia das Máscaras, Comicidade; Circo e suas vertentes; Palhaçaria; Commedia dell'Arte; Cenas entre tradições; Performance; Artes Cênicas na Rua; Documentação e registros de Artes Cênicas; Corporeidades; Contações cênicas; Canto cênico; Cena e Rito; Produção cultural cênica.

trabalhar determinado conteúdo que seja de forma construtiva de ambos os lados: professor e aluno contribuindo para a construção do conhecimento.

Para desenvolvimento deste artigo foi utilizado a metodologia de pesquisa bibliográfica em teses, artigos científicos, leis, documentos curriculares e livros, ao qual se realizava o fichamento e debates acerca dos assuntos estudados nos encontros da pesquisa do PIBIC.

METODOLOGIA

A pesquisa se deu por uma metodologia bibliográfica, cuja as bases teóricas foram as escritas de Ana Mae Barbosa sobre a abordagem triangular do ensino das Artes. Para contextualizar o ensino da arte, o trabalho tomou por bases os PCNs Arte, porque foi a primeira legislação que apresenta a abordagem triangular como proposta de ensino das artes e coloca a disciplina de artes pela primeira vez em algum parâmetro curricular. Também foi utilizado a visão de Ingrid Koudela sobre a nova proposta do ensino do teatro na educação básica.

Para compreender a dinamização da abordagem triangular, utilizou-se textos sobre experimentação prática da proposta e avaliação dela dos últimos 10 anos. E sobre a aprendizagem colaborativa, as fontes teóricas usadas foram as de Torres e Irala (2015).

REFERENCIAL TEÓRICO

Diante do processo histórico de redemocratização do Brasil e reformulações na educação, Ana Mae Barbosa, estudando a realidade do ensino das Artes e percebendo sua trajetória buscou desenvolver estratégias que não estivessem ligadas às influências da Europa e dos Estados Unidos. Realizando uma proposta pedagógica sem utilizar da “dependência cultural, nem mais a busca inalcançável da originalidade modernista, mas adequação e elaboração em diálogo com os países centrais” (BARBOSA, 1995, p. 61).

Foi então que no Museu de Arte Contemporânea da USP (1987-1993), Ana Mae Barbosa sistematiza sua epistemologia para o ensino das artes e surge a *Abordagem Triangular* que inicialmente ficou conhecida como *metodologia triangular*. Este termo para Ana Mae não fazia sentido, uma vez que não se tratava de uma metodologia, mas sim de uma abordagem de ensino que estava sistematizada em três pilares: contextualizar, ler e fazer a obra de arte.

Para destrinchar os pilares e conseguir desenvolver o raciocínio de uma forma mais didática, primeiro será abordado o que seria contextualizar a obra de arte, destacando-a como o primeiro pilar. Esta é uma etapa fundamental para o entendimento, por parte dos alunos, sobre o que estão vendo, estudando, conhecendo, faz parte da assimilação do conteúdo para que seja possível realizar a inferência na aprendizagem do estudante⁴. Para Barbosa (1989) a contextualização é a história da arte pautada em contextualizar a obra de arte no tempo em que foi produzida, isso envolve uma série de questões: políticas, econômicas, sociais, épocas, dentre outras variantes. No entanto não se exclui a relação que o aluno pode fazer com o seu cotidiano e repertório cultural (de outras obras) para melhor compreensão da obra apresentada a ele. Diante disso Barbosa apresenta que este pilar:

[...] Em lugar de estar preocupado em mostrar a então chamada evolução das formas artísticas através dos tempos, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. [...] [Portanto] Construimos a História a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais. (1989, p. 178).

Portanto, para desenvolver este pilar é necessário perceber o conhecimento do mundo real, dos lugares, dos conteúdos correlacionando com as vivências do aluno e que a abordagem sobre esta contextualização não se restrinja apenas ao cotidiano dos educadores, para que possa “[...] propiciar a consciência de subjetividade revelando o multiculturalismo dos códigos estéticos de diferentes grupos, e não apenas propiciando uma educação colonizadora, vedada perante os acontecimentos socioculturais [...]” (SILVA; LAMPERT, 2017, p. 92).

O segundo pilar é a leitura da obra de arte, que na proposta de Barbosa (1989, p. 178) “[...] seria construir uma metalinguagem da imagem. Isto não significa falar sobre uma pintura, mas falar a pintura num outro discurso, às vezes silencioso, algumas vezes gráfico, e verbal somente na sua visibilidade primária [...]”. Em outras palavras, o aluno é posicionado em frente ao objeto artístico, seja ele, um quadro, uma escultura, uma arquitetura, uma dança, um espetáculo teatral, dentre outras manifestações artísticas, para que realize o estudo da obra.

Por fim, o terceiro pilar é o fazer artístico. Nele a ordem é a produção artística. O aluno realiza a prática do ensino das artes como artista, confeccionando/realizando a sua obra de arte para uso de sua iniciação e aprendizagem acerca na linguagem artística que está

⁴ Assimilação e acomodação, pesquisa realizada por Jean Piaget na qual as caracterizam como “os dois pólos de uma interação entre o organismo e o meio, a qual é a condição de todo funcionamento biológico e intelectual” (1996, p. 309, apud PÁDUA 2009, p. 25).

desenvolvendo. Exemplificando: o fazer artístico pode ser na linguagem teatral, musical, das artes visuais ou da dança, o critério é desenvolver no aluno as habilidades de criação propícia pela arte.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Artes (1997; 1998; 2000), foi mencionado que o ensino de artes deveria ser pautado na Abordagem Triangular, sendo assim, no fazer, ler e apreciar. São recomendações governamentais que regem toda a educação básica brasileira. No momento em que a Abordagem Triangular passou a fazer parte dos PCN/Artes, a proposta começou a ser bastante utilizada entre os arte-educadores e bastante utilizada por eles. Também proporcionou mais força às separações das linguagens artísticas, estabelecendo suas habilidades individuais, e isso gerou maior difusão das licenciaturas em Teatro, Dança, Música e Artes Visuais.

Na linguagem teatral, sugere-se que o ensino se dinamize na relação cultural do indivíduo com o coletivo, no desenvolvimento da espontaneidade teatral através dos jogos dramáticos. Com isso, de acordo com o PCN-Artes, o desenvolvimento da criança deveria estar envolto:

[...] no plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano do coletivo, o teatro oferece, por ser uma atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção. (BRASIL, 1997, p. 58).

A brincadeira do “faz de conta” é uma atividade que está na vida do ser humano desde criança, e ao chegar à escola, os professores devem orientar o desenvolvimento da ludicidade através dos jogos teatrais para conseguir oferecer às crianças a habilidade da espontaneidade e soluções de problemas. Isso gera exercício consciente e eficaz da atividade proposta.

Em relação da gradação da dificuldade e de elementos dispostos para a leitura, contextualização e fazer artístico, Ingrid Koudela (2002, p. 235) destaca que “entre o jogo de faz-de-conta da criança e o teatro como espetáculo a ser apreciado por uma [plateia] é possível criar inúmeras gradações, promovendo atividades que relacionam o fazer e a leitura e apreciação do espetáculo”. Ainda destaca que é na apreciação do espetáculo teatral que o aluno poderá fazer a fruição estética da linguagem e que esse contato será ainda mais rico se o aluno tiver maior familiaridade com a representação dramática dentro do contexto escolar. Esta habilidade, em sala de aula, “[...] pode ser embotada ou desenvolvida na forma de jogos teatrais introduzidos no sistema de ensino” (KOUDELA, 2002, p. 235).

Koudela (2002) destaca que junto aos jogos teatrais, ou até mesmo separado, o texto poético/dramático tem papel tão fundamental quanto os jogos. Pois é através dele, o professor consegue trabalhar os temas transversais que estão presentes em suas entrelinhas, sobre assuntos diversos, como o da orientação sexual, classe social, etnia, raça, dentre outros. O texto gera uma relação de diálogo entre as realidades dos estudantes que constrói a empatia e respeito com as pessoas que se relacionam.

A aprendizagem colaborativa é um processo de ensino onde o professor e os alunos estão trabalhando em conjunto, em diálogo para alcançar determinado conhecimento. A heterogeneidade entre pares é fundamental para que esta aprendizagem ocorra. Portanto ela busca:

[...] promover uma aprendizagem mais ativa por meio do estímulo: ao pensamento crítico; ao desenvolvimento de capacidades de interação, negociação de informações e resolução de problemas; ao desenvolvimento da capacidade de autorregulação do processo de ensino-aprendizagem [...] (TORRES; IRALA, 2015, p. 150).

Essa forma de ensino/aprendizagem pretende tornar o aluno mais responsável por aquilo que aprende, tornando-o mais autônomo na inferência e construção do conhecimento. O processo não se faz pela figura de um professor dono do saber e autoritário, mas de maneira que seja [...] construído socialmente, na interação entre pessoas e não pela transferência do professor para o aluno [...] (TORRES; IRALA, 2015, p. 151). Dessa forma, de acordo com Torres e Irala (2015, p. 151) “O professor atua na criação de contextos e ambientes adequados para que o aluno possa desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas de modo criativo, na interação com outrem”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Abordagem Triangular é uma proposta que pode promover a aprendizagem colaborativa, tendo em vista que direciona a trajetória da metodologia abordada pelo professor para a linha do diálogo entre o objeto a ser estudado e as relações pessoais, culturais e experienciais do aluno com o conteúdo. Trazendo também o diálogo entre os alunos a partir de seus conceitos e vivências sobre o assunto, o ensino do Teatro também pode ser direcionado a essa mesma perspectiva. De acordo como os próprios PCN-Artes (1997; 1998; 2000), a linguagem teatral como objeto de estudo na educação básica é realizada de maneira que busque ampliar o desenvolvimento cultural do aluno, ressaltando, valorizando e contextualizando a bagagem de informação dele para que os alunos e o professor possam

aprimorar este conhecimento. Dessa forma, os estudantes ganham mais argumentações para defesa daquilo que acredita ou até mesmo mudando o ponto de vista.

Como na Abordagem Triangular não tem importância por qual pilar começar o processo de ensino/aprendizagem, o dinamismo de zig-zag que a abordagem triangular proporciona ao ensino efetiva a aprendizagem colaborativa de maneira bastante fluida.

Exemplificando:

O professor considera pertinente para a turma de alunos, selecionar a peça Édipo Rei de Sófocles. Para andamento de sua didática, sempre levando em consideração as especificidades da turma, ele pode realizar os seguintes passos:

1. Leva o texto aos alunos
2. O professor faz a exposição do gênero do texto dramático explicando as características da tragédia, por exemplo.
3. Todos leem a peça
4. Debatem sobre as temáticas que o texto abarca

Percebe-se que nesse primeiro momento o pilar desenvolvido foi o da contextualização, mas que em certos momentos quando os alunos junto com o professor debatem os dilemas que envolvem o texto, conseqüentemente traduzem para sua vida cotidiana, fazendo a leitura da obra de maneira pessoal (o primeiro momento da leitura da obra). O segundo procedimento pode ser do fazer artístico para a leitura da obra (dessa vez, na forma completa).

1. Separam os alunos em equipes e dividem as cenas do texto, dando uma cena para cada equipe.
2. Os alunos terão determinado tempo para analisar a cena, desta vez junto com o que foi estudado e debatido para criar um *sketch*⁵ e apresentar aos demais. Uma cena pequena de 2 a 3 minutos. Lembrando em sempre seguir as regras. Aqui será trabalhado o elemento de palco e plateia. Os alunos que estão na plateia irão apreciar a cena criada pelos que estão em palco e debater os elementos vistos em concordância com o que foi estudado sobre.
3. Depois do debate podem recriar as cenas novamente com as colaborações trocadas para buscar um resultado mais significativo ao grupo.

Recomenda-se que o professor exerça seu papel no grupo, observando as ações dos alunos e dando instruções, mas sem proceder a autoridade de aprovação/desaprovação,

⁵ Uma cena de curta duração utilizada em teatro, cinema, televisão, circo, etc.

conduzindo para que o aluno possa perceber o que está fazendo. É interessante que na separação dos grupos, a forma de escolha seja feita aleatória, para que haja a interação de todos com todos. Sugere-se ser quebrado os grupinhos sociais pré-existentes para que todos saibam trabalhar com as mais variáveis dificuldades e diversidades possíveis.

Depois de passar por esse processo de construção de cada cena, com o debate entre todos os alunos e o professor, pode-se começar a fazer cenas maiores, construídas a partir das criações das equipes. Antes o que era separado em bloco agora avança para uma sucessão de histórias encenadas. Este é o momento de organizar as criações de cada grupo em um resultado coletivo: a montagem cênica da peça Édipo Rei, ressaltando que outros elementos venham a entrar devem ser discutidos como a sonoplastia, iluminação, figurino, adereços, texto falado, dentre outras coisas, que também passam pelo processo de interação e trabalho de equipe entre os participantes e da abordagem triangular: ler, fazer e contextualizar.

É importante ressaltar, como foi demonstrado na exemplificação acima, que o efeito zig-zag da Abordagem Triangular se dá pelo fato de quando está desenvolvendo um dos pilares, volta-se ao outro para construir o conhecimento com mais qualidade. Os exemplos elencados como passo a passo, não são de ordem obrigatória e única, visto que fica a critério do professor escolher a ordem que queira começar, mas ajudam a esclarecer esse processo. A pretensão ao demonstrar os exemplos é de que o professor consiga desenvolver sua didática de maneira a promover o diálogo, valorizando sempre os conhecimentos prévios dos alunos, fazendo com que eles possam interagir no processo de ensino/aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do trabalho foi de promover caminhos para que o ensino do teatro embasado na abordagem triangular suscite em uma aprendizagem colaborativa. Diante das bases teóricas apresentadas, foi possível perceber que há ligações que podem ser feitas entre a abordagem triangular, o ensino do teatro e a aprendizagem colaborativa. Essa situação pode se efetivar quando o professor trata o aluno como pessoa que tem cultura e conhecimento a compartilhar.

Com isso, conclui-se que esse processo se baseia na contextualização econômica, social ou cultural elencada na abordagem do professor junto com os alunos; nas leituras das obras; e no fazer artístico com os jogos teatrais e das pluralidades de elementos que o teatro

oferece. Dessa forma, a construção do conhecimento do ensino da arte dentro da linguagem teatral se direciona a uma aprendizagem colaborativa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p.170-182, dez. 1989. FapUNIFESP (SCIELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141989000300010>.

_____. Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p.59-64, abr. 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36136/38856>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental (1ª a 4ª série, vol. 6 - Arte). Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental (5ª a 8ª série). Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000

KOUDELA, Ingrid Dormien. A nova Proposta de ensino do Teatro. **Sala Preta**, São Paulo v. 2, p. 233-239, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57096/60084>>. Acesso em: 06 out. 2019.

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan de. A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE JEAN PIAGET. **Facevv**, [s.i], n. 2, p. 22-35, 1º semestre. 2009.

SILVA, Tharciana Goulart da; LAMPERT, Jocielle. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. **Matéria-Prima**, Lisboa, v. 5, ed. 3, p. 88 - 95, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28262/2/ULFBA_MatPrima_V5N1_p.88-95.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

TORRES, P.L; IRALA, E.A.F. **Aprendizagem Colaborativa: Teoria e prática**. In: TORRES, P.L (org.). **Metodologias para a produção do conhecimento: da concepção à prática**. Curitiba: Senar, 2015. p. 149-216 Disponível em: <<http://www.agrinho.com.br/ebook/senar/livro1/>>. Acesso em: 09 maio 2020.